

NIETZSCHE E FREUD: A CIVILIZAÇÃO COMO PROCESSO DE INTERIORIZAÇÃO DOS INSTINTOS

Nelson Lopes Rodrigues⁶⁰

Resumo: O objetivo que aqui se persegue é o de examinar a problemática acerca do processo civilizacional colocando em enfrentamento filosófico duas perspectivas, a saber, Nietzsche e Freud, como dois grandes diagnosticadores da civilização. Para estes pensadores, o processo civilizatório foi dado na história da humanidade por um conjunto de procedimentos cruéis, de uma interiorização dos instinto do indivíduo sobre si mesmo. Nesta perspectiva, pretendo estabelecer um paralelo entre a filosofia de Nietzsche amparada na sua Genealogia da Moral e da análise psicanalítica de Freud tecida a partir das suas obras ditas sociológicas, a saber, O futuro de uma ilusão e o Mal-estar na civilização.

Palavras-chave: Nietzsche, Freud, Instinto, Civilization.

Resumen: El objetivo que se persigue aquí es examinar la problemática sobre el proceso civilizatorio poniendo en confrontación filosófica dos perspectivas, a saber, Nietzsche y Freud, como dos grandes diagnosticadores de la civilización. Para estos pensadores, el proceso civilizador se dio en la historia de la humanidad por un conjunto de procedimientos crueles, de una interiorización de los instintos del individuo sobre sí mismo. Desde esta perspectiva, pretendo establecer un paralelismo entre la filosofía de Nietzsche apoyada en su Genealogía de la moral y el análisis psicoanalítico de Freud tejido a partir de sus obras llamadas sociológicas, a saber, El porvenir de una ilusión y El malestar en la civilización.

Palabras clave: Nietzsche; Freud; Instinto, Civilización.

O objetivo deste breve ensaio consiste em analisar alguns aspectos referentes ao processo civilizatório segundo Freud e Nietzsche numa tentativa de tecer semelhanças teóricas possíveis entre os dois pensadores acerca dos processos subjetivos de uma consciência moral, em Freud, e de uma má consciência no vocabulário nietzschiano.

⁶⁰ Possui graduação pela Universidade Federal da Bahia (2009). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe. Psicanalista pelo Instituto Imahp. nelson.profateri@gmail.com

Em um primeiro momento, traço algumas considerações e análises acerca de dois textos freudianos, a saber, *O futuro de uma ilusão* e *O mal-estar na civilização*, apresentando o entendimento de civilização. No segundo momento tento mostrar como a civilização se configura no pensamento de Freud como uma luta do homem primitivo contra os seus próprios instintos, e como a civilização é fruto de um processo de interiorização dos instintos e como os processos de recalque primitivo participam deste processo com o desenvolvimento de um superego e como a influencia de Thomas Hobbes é tomado de empréstimo pela psicanálise. No terceiro movimento, tentarei mostrar que há uma diferenciação conceitual entre cultura e civilização em Nietzsche e Freud a partir da análise do psicanalista Paul-Laurent Assoun. No quarto momento exponho brevemente como os conceitos de culpa e má consciência estavam em alinhamento conceitual, mas, com algumas ressalvas e pequenas diferenças na forma como os dois filósofos e críticos da sociedade organizaram as suas teorias. E no ultimo momento tento estabelecer algumas diferenças de como Freud e Nietzsche entende este processo, a saber, de uma sociedade que sai da influencia da religião, e como ambos percebem as contradições desse processo que há na formação de uma subjetividade domesticada a partir do castigo e do sentimento de culpa que agem sobre o indivíduo.

O século XIX foi uma época de grande efervescência cultural na Europa, pode anotar o aparecimento do trem, do telégrafo, do motor de combustão interna, ou seja, um aglomerado de inovações que facilitaram a vida do indivíduo na sociedade. O problema que se apresenta é saber a custa de quais sacrifícios o homem precisou custear para adquirir todas estas novidades e facilidades em sua vida.

Localizo os pensadores Nietzsche e Freud como dois grandes investigadores da noção de civilização. Na genealogia da moral, de 1887, de Nietzsche, uma obra da sua fase madura intelectualmente percebemos uma teoria das formas de interiorização dos instintos⁶¹ no indivíduo com o propósito de “criar” o animal homem, um sujeito que pudesse prometer e na “mudança que sobreveio quando ele se viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade e da paz”⁶², mas ao mesmo tempo adoecido por este mesmo processo civilizatório. Para Freud, em sua obra escrita em 1927, *O futuro de uma ilusão*, ele afirma que o homem é o inimigo da civilização, de modo que o indivíduo também passou por formas de internalização das normas sociais, a partir de meios de poder e coação. Para o pai da psicanálise, o conceito de cultura

⁶¹ NIETZSCHE, 1898, p. 73

⁶² Idem

relaciona-se com a ideia de contenção dos instintos primários e selvagens para a manutenção desta mesma cultura, assim como Freud, o filósofo Nietzsche também entende desta forma quando afirma que O sentido de toda cultura é amestrar o animal de rapina “homem”, reduzi-lo a um animal nosso e civilizado, domestico, então deveríamos sem dúvida tornar aqueles instintos de reação e ressentimento.⁶³

O pai da psicanálise, Sigmund Freud, foi um sujeito que procurou a partir da sua psicanálise desvendar questões acerca da formação da subjetividade na sociedade numa tentativa de, segundo Freud, na obra O futuro de uma ilusão, texto de 1927, “entender para onde iria a civilização”. A partir disso, Freud realiza um movimento investigativo apontando as formas como os instintos agem sobre o ser humano, realizando assim, uma forma de diagnóstico⁶⁴ social da civilização. Segundo Freud:

Fica assim a impressão de que a civilização é algo que foi imposto a uma maioria resistente por uma minoria que compreendeu como obter a posse dos meios de poder e coerção. Evidentemente, é natural supor que essas dificuldades não são inerentes à natureza da própria civilização, mas determinadas pelas imperfeições das formas culturais que até agora se desenvolveram.⁶⁵

Primeiramente, o pai da psicanálise desde o começo de sua obra, O futuro de uma ilusão expõe sua opinião de que as palavras civilização e cultura são sinônimas. Portanto, para Freud, não faz sentido falar sobre o assunto como se tivesse falando de duas coisas diferentes.

Para ele, civilização é todo o conjunto de práticas, comportamentos, técnicas, produções artísticas ou técnicas. É válido salientar que Freud não tinha a intenção de fazer uma análise sociológica ou puramente histórica da formação da sociedade e imaginar seu futuro. Mas, colocar a psicanálise em um status de instrumento de análise da sociedade, como uma ciência que pode contribuir para observar aspectos psíquicos dos movimentos históricos e sociais da humanidade. No primeiro parágrafo, o autor afirma que não tem a intenção de dar uma resposta definitiva sobre o tema, em segundo, o assunto exigiria uma interdisciplinaridade teórica para

⁶³ NIETZSCHE, 1898, p. 32. O sentido de toda cultura é amestrar o animal de rapina “homem”, reduzi-lo a um animal nosso e civilizado, domestico, então deveríamos sem dúvida tornar aqueles instintos de reação e ressentimento.

⁶⁴ No vocabulário da medicina: a palavra diagnóstico é o processo analítico a partir de uma sintomatologia, portanto, de uma compreensão dos sinais que o paciente apresenta para o médico, de que se vale o especialista ao exame de uma doença ou de um quadro clínico, para chegar a uma conclusão.

⁶⁵FREUD, 1978, p. 88

poder abarcar todas as suas particularidades, e em terceiro, exige-se do investigador, uma capacidade de manter distância do objeto investigado.

Explicado este início acerca da obra de Freud aqui estudada, podemos passar para as questões que nos interessa.

Para Freud, há duas tendências da civilização:

- a) As relações humanas são influenciadas profundamente pela quantidade de satisfação instintual que a riqueza torna possível.
- b) O homem individualmente pode se tornar riqueza em relação ao outro indivíduo na medida em que a outra pessoa faz uso de sua capacidade de trabalho ou escolha como objeto sexual.
- c) Todo inimigo é virtualmente inimigo

Aqui parece ficar claro que Freud entende a civilização sob três ângulos, por um lado, a questão da satisfação instintual pela qual o sujeito responde, por outro lado, a noção de riqueza como um motivo para o homem satisfazer-se. No segundo ângulo, Freud entende que o indivíduo se torna fonte de riqueza do outro, seja riqueza material, intelectual ou mesmo objeto de prazer. E no terceiro, ele entende que este homem é inimigo do próprio homem,⁶⁶ Freud, sem mencionar o leviatã de Thomas Homes afirma que uma teoria de como se deu a origem do processo de normatização da sociedade da horda primeva para o aparecimento da sociedade. Em seu texto *O Mal-estar na civilização*, de 1930, ele afirma.

O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança. Não devemos, contudo, que na família primeva apenas o chefe desfrutava da liberdade instintiva; o resto vivia em opressão servil. Naquele período primitivo da civilização, o contraste entre uma minoria que gozava das vantagens da civilização e uma maioria privada dessas vantagens era, portanto, levada a seus extremos. Quant aos povos primitivos que ainda hoje existem, pesquisas eu cuidadosas mostraram que sua vida instintiva não é, de maneira alguma, passível de ser invejada por causa de sua liberdade. Está sujeita a restrições de outra espécie, talvez mais severas do que aquelas que dizem respeito ao homem moderno.⁶⁷

Nesse sentido, o homem torna-se fonte de satisfação pela qual a civilização se forma, entretanto, este homem também se configura como um ser ameaçado pela própria civilização.

⁶⁶ Influencia de Tomas Hobbes no pensamento de Freud.

⁶⁷ FREUD, 1978, p. 170

Nesta obra, a inspiração hobbesiana acerca do pacto social é marcante, na visão do contratualista Thomas Hobbes a agregação entre os indivíduos é uma condição frágil e insuficiente para garantir a sua coesão social. O filósofo Hobbes atribui uma igualdade aos homens num estado natural, assim como descreve outros pensadores ditos contratualistas, entretanto, na medida em que o desejo dos homens de possuir um o mesmo objeto desejado, os homens vendo na impossibilidade de todos obterem o mesmo objeto tornam-se inimigos mortais. É nesta perspectiva que a análise psicanalítica de Freud compreende que este elo social é incompleto e demonstra a sua natural fragilidade diante dos instintos.

Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante em potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que tenta satisfazer sobre ele sua agressividade, explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. *Homo homini lupus*.⁶⁸

Portanto, este homem, ao mesmo tempo em que é impulsionado a criar uma forma agregada de sociedade, um impulso contra sua própria natureza animal cria obstáculos para a necessária efetivação deste objetivo. Aos desavisados, este argumento parece ter certa ambiguidade argumentativa, no entanto, veremos que esta aparente ambiguidade fica para trás quando compreendemos a forma como Freud organiza sua ideia de civilização a partir de sua análise filosófico-psicanalítica. Portanto, aqui não se trata de um psicanalista investigar a civilização a partir de critério sociológico ou históricos, mas, estudar o sociológico ou histórico a luz da sua teoria psicanalítica.

Freud é um cientista de corrente positivista, neste artigo ele demonstra a sua confiança no poder da educação, da formação científica do sujeito, como na ideia de progresso e da necessidade de proteger a civilização das forças instituais dos indivíduos. Ele afirma: “A civilização, portanto, tem que ser defendida contra o indivíduo, e seus regulamentos, instituições e ordens dirigem-se a esta tarefa”⁶⁹ com a finalidade de [...] proteger contra os impulsos hostis dos homens tudo que contribui para a conquista a natureza e a produção de riqueza.⁷⁰ Entretanto, ele também afirma que este processo foi um processo de interiorização das normas sociais a partir da repressão, ou seja, de processos de recalçamento no indivíduo. Para Freud, o papel das renúncias instintivas envolvem o papel da religião como um

⁶⁸ FREUD, 1976, p. 133

⁶⁹ FREUD, 1978, p. 88

⁷⁰ Idem

instrumento psicofisiológico para aumentar o nível do instinto gregário. Um indivíduo se torna um “ser social e moral”⁷¹ quando as forças constitutivas são internalizadas, este processo está na origem do que para Freud se chama superego.

O superego é uma instância psíquica responsável pelas nossas maneiras de reprimir aquilo que trás sofrimento para o ego (eu). Herdeiro do complexo originário, a saber, do Édipo, o superego se constitui enquanto a interiorização das exigências e interdições familiares. Dentro desta instância do superego existem dois outros conceitos que compõem o superego, como os prótons e elétrons de um átomo, o ideal do eu e o eu ideal compõem este processo de interiorização.

O ideal do Eu é um elemento constitutivo pela marcação no seu espírito como uma idealização que lhe transcende por excelência e que se faz presente, já que, o ego não considera o si próprio como um ideal, reconhecendo portanto algo que se realiza a partir de um movimento de fora para dentro no sujeito. Este elemento serve autorizar o nosso desejo.

O eu ideal se comporta de outra forma, o movimento é de dentro para fora, ou seja, é aquilo que o sujeito espera de si mesmo. É aquilo que gostaria de ter em sido, das expectativas da sociedade, dos pais, dos professores, dos pastores, enfim, de tudo aquilo serve como parâmetro para o sujeito. Aqui, o sujeito é colocado dentro das condições de objeto do outro.

O superego é formado por estes elementos a partir das formas de interiorização das normas sociais, como dispositivos como as crenças. Segundo Freud, “Este fortalecimento do superego constitui numa vantagem cultural muito preciosa no campo psicológico”.⁷². Entretanto, Freud também afirma que nem todas as normas são interiorizadas com a mesma intensidade e graus, alguns elementos normativos são menos eficientes do que outras. E por isso, a religião cumpre um papel importante para o processo de interiorização dos instintos. Segundo Freud:

O desamparo do homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e deuses. Estes mantêm sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs.⁷³

⁷¹ Idem p.92

⁷² Idem p. 92

⁷³ Idem p. 97

Diferentemente de Freud, Nietzsche estabelece uma distinção entre civilização e cultura. A Cultura, segundo o filósofo, apresenta-se como um “conjunto das atividades humanas e de suas produções: moral, religião, arte, filosofia também, estrutura política e social”⁷⁴ e como ele afirma no aforismo 11 da primeira dissertação “o sentido da cultura é amestrar o animal de rapina”⁷⁵ com a finalidade de “reduzi-lo a um animal manso e civilizado”⁷⁶, e em um fragmento de inverno de 1880 ele reafirma o pensamento estabelecido em genealogia da moral quando diz que os medrosos “anseiam pela civilização”[...] “na civilização estão os fracos, os fígaros, os preguiçosos, os foragidos, os ordinários: a igualdade como meta, enfim como condição.”⁷⁷

Para Nietzsche, a questão da civilização está estritamente relacionada com a valoração dos valores. São os sacerdotes que cunham formas doentes de existência, onde a fraqueza, a submissão e desvalorização do mundo concreto como um tipo de animal estranho, mas que “é a primeira forma de animal mais delicado”.⁷⁸

E a civilização como um “conjunto organizado de interpretações que uma série de valores particulares torna possível.”⁷⁹ Para o filósofo e psicanalista francês Paul-Laurent Assoun a teoria acerca da cultura está lastreada em três aspectos da vida social, a saber, a religião, a arte e a ciência. Não seriam aportes teóricos também da civilização? Na medida em que estes aspectos estruturam o nosso espírito civilizatório? Assoun afirma em sua obra Nietzsche e Freud afirma que:

Para Freud, a Kultur se baseia numa necessidade material proteção e regulação das relações humanas: em cima desta necessidade é que se desenvolvem, como numa estufa os frutos mais preciosos da Kultur: arte, religião, filosofia e ciência.⁸⁰

Assim como Freud, Nietzsche também concebe a religião como uma pedra de toque na concepção da formação de uma cultura, aliás, Nietzsche afirma que foi o ideal ascético, do cristianismo que surgiu o campo fértil pelo qual se desenvolveu uma civilização de doentes, de ressentidos, uma sociedade decadente de indivíduos que alcançaram supremacia criando

⁷⁴ WOLTLING. 2011, p. 28

⁷⁵ NIETZSCHE, 1998, p. 33

⁷⁶ Idem

⁷⁷ NF-1880,8 [47] - Fragmentos deixados para trás, inverno de 1880-81.

⁷⁸ NIETZSCHE, 1998, p. 92

⁷⁹ NF-1880,8 [47] - Fragmentos deixados para trás, inverno de 1880-81.

⁸⁰ ASSOUN, 1991, p. 269

(*bildung*)⁸¹ uma sociedade de rebanhos, uma sociedade de indivíduos de instintos atrofiados, esse indivíduo doente, da culpa e da má consciência “do bicho-homem interiorizado, acuado dentro de si mesmo”⁸², e portanto um indivíduo “aprisionado no Estado para fins de domesticação”⁸³

Todos os instintos que não se descarregam para fora voltam-se para dentro – isto é o que chamo de interiorização do homem: é assim que no homem cresce o que depois se denomina alma. Todo o mundo interior, originalmente delgado, como entre duas membranas, foi se expandindo e se estendendo, adquirindo profundidade, largura e altura, na medida em que o homem foi inibido em sua descarga para fora.⁸⁴

Assim como Freud, o processo de criar um animal gregário em sociedades tribais primitivas desenvolveu-se a partir de mecanismos (castigos, acusações, julgamentos), de interiorização destes instintos, podemos perceber a enorme semelhança como estes autores e críticos da sociedade estavam em consonância. Assim como Nietzsche, Freud aceita a ideia de que as religiões serviram como um instrumento civilizatório, uma forma de projeto, um domesticador do bicho-homem, Freud enfatiza que não foi um desvio de uma organização que caminha harmoniosamente no progresso humano, foi algo planejado “Sabemos aproximadamente em que período, e por que tipo de homens, as doutrinas religiosas foram criadas”⁸⁵. Fica neste trecho evidente que Freud entendia o fenômeno religioso como um instrumento de poder, pois, embora, se por um lado ele entendia a religião como uma ilusão, por outro lado, estava ciente de que esta “ilusão não é a esma coisa que um erro, tampouco é necessariamente um erro”⁸⁶

Nietzsche, assim como Freud, percebe que instinto gregário surge como um tipo de catalizador⁸⁷ social que amplia o poder normativo das leis tribais, não basta as leis, a crueldade é fundamental. Dessa forma, estes catalizadores fomentam o aparecimento da doença da má consciência, segundo Nietzsche, “A má consciência é uma doença, quanto a isso não há dúvida”⁸⁸, em Freud, cria-se o neurótico compulsivo.

⁸¹ Nietzsche considera a formação intelectual como um tipo de domesticação. A palavra Bildung (formação) como pode ser entendido como educação formal.

⁸² NIETZSCHE, 1998, p. 81

⁸³ Idem

⁸⁴ NIETZSCHE, 1998, p. 73

⁸⁵ FREUD, 1978, p. 107

⁸⁶ Idem

⁸⁷ Nota: Na química, o catalisador é uma substância que aumenta a velocidade de uma reação. Estas substâncias não se consomem nas reações, logo a massa dos catalisadores é a mesma no início e no fim das reações. No entanto, estas, podem perder a sua atividade.

⁸⁸ NIETZSCHE, 1998, p. 76

Para o filósofo, O castigo, tem o objetivo de despertar no indivíduo culpado um sentimento de “falta”, e que o verdadeiro dispositivo desta revolta mental do sujeito ele denomina a má consciência, mas também deverá ter outros sentidos, o castigo se configura como um dispositivo muito amplo, com várias facetas. No parágrafo 13 da segunda dissertação, ele esboça uma variedade enorme de sentidos, ele afirma:

Castigo como neutralização, como impedimento de novos danos. Castigo como pagamento de um dano ao prejudicado, sob qualquer forma (também na compensação afetiva). Castigo como isolamento de uma perturbação do equilíbrio, para impedir o alastramento da perturbação. Castigo como inspiração de temor àqueles que determinam e executam o castigo. Castigo como espécie de compensação pelas vantagens que o criminoso até então desfrutou (por exemplo, fazendo-o trabalhar como escravo nas minas). Castigo como segregação de um elemento que degenera (por vezes de todo um ramo de família, como prescreve o direito chinês: como meio de preservação da pureza da raça ou consolidação de um tipo de social) Castigo como festa, ou seja, como ultraje e escárnio de um inimigo finalmente vencido. Castigo como criação de memória, seja para aquele que sofre o castigo – a chamada “correção” -, seja para aqueles que o testemunham.⁸⁹

Nietzsche desenvolve uma tipologia ampliada do castigo, mostrando como este fenômeno social está no cerne das suas discussões axiológicas. Freud não desenvolve este problema como Nietzsche, para o psicanalista, a culpa está relacionada como um fenômeno do narcisismo, do recalque primitivo, das psicoses, não se profunde em uma genealogia da má consciência e de seus tentáculos conceituais.

Entretanto, Freud ele menciona sobre a questão da culpa alguns textos. Para a psicanálise, ela está a negação dos instintos, como afirma Gaspar:

O sentimento de culpa é sempre entendido por Freud como decorrente da renúncia à satisfação pulsional. Essa renúncia teria origem no medo da perda do amor do Outro de quem o sujeito é dependente. Freud denomina de superego a instância que exige renúncia. É como expressão de uma desarmonia fundamental no interior do sujeito e em sua relação com o mundo que o termo *superego* pode ser entendido. Na pulsão de morte veiculada por essa instância, Freud descobre uma radical impossibilidade de harmonia do sujeito com os ideais da civilização. É nesse sentido que ele descreverá o mal-estar expresso sob a forma de sentimento de culpa como intrínseco à civilização.⁹⁰

Por último, podemos perceber como a religião fornece aos dois um campo muito rico em problemáticas, Nietzsche dedica todo o terceiro parágrafo da Genealogia da moral para

⁸⁹ NIETZSCHE, 1998, p. 69

⁹⁰ GASPAR, 2007, p. 47-65.

demonstrar como o ideal ascético cunhou o espírito do povo europeu, como o cristianismo superou em potencia “as bestas louras”.⁹¹ Sua vontade, embora reativa, doente em sua origem e finalidade, constituiu como “a formação de rebanho”⁹²

Para Freud, a culpa também é um conceito importante para a psicanálise e sua relação com a formação do sujeito na sociedade. A culpa, enquanto um estrato de duplo eixo, a saber, do medo da autoridade externa, e outro advindo da sua “autoridade” interna consiste em um sentimento punitivo. A culpa é sentimento que surge na história anteriormente ao superego.

Para Freud:

Embora talvez não seja de grande importância, não é supérfluo elucidar o significado de certas palavras, tais como ‘superego’, ‘consciência’, ‘sentimento de culpa’, ‘necessidade de punição’ e ‘remorso’, as quais é possível que muitas vezes tenhamos utilizado de modo frouxo e intercambiável. Todas se relacionam ao mesmo estado de coisas, mas denotam diferentes aspectos seus. O superego é um agente que foi por nós inferido e a consciência constitui uma função que, entre outras, atribuímos a esse agente. A função consiste em manter a vigilância sobre as ações e as intenções do ego e julgá-las, exercendo sua censura. O sentimento de culpa, a severidade do superego, é, portanto, o mesmo que a severidade da consciência. É a percepção que o ego tem de estar sendo vigiado dessa maneira, a avaliação da tensão entre os seus próprios esforços e as exigências do superego. O medo desse agente crítico (medo que está no fundo de todo relacionamento), a necessidade de punição, constitui uma manifestação instintiva por parte do ego, que se tornou masoquista sob a influência de um superego sádico; é, por assim dizer, uma parcela do instinto voltado para a destruição interna presente no ego, empregado para formar uma ligação erótica com o superego. Não devemos falar de consciência até que um superego se ache demonstravelmente presente. Quanto ao sentimento de culpa, temos de admitir que existe antes do superego e, portanto, antes da consciência também. Nessa ocasião, ele é expressão imediata do medo da autoridade externa, um reconhecimento da tensão existente entre o ego e essa autoridade. É o derivado direto do conflito entre a necessidade do amor da autoridade e o impulso no sentido da satisfação instintiva, cuja inibição produz a inclinação para a agressão. A superposição desses dois estratos do sentimento de culpa — um oriundo do medo da autoridade *externa*; o outro, do medo da autoridade *interna* — dificultou nossa compreensão interna (*insight*) da posição da consciência por certo número de maneiras. Remorso é um termo geral para designar a reação do ego num caso de sentimento de culpa. Contém, em forma pouco alterada, o material sensorial da ansiedade que opera por trás do sentimento de culpa; ele próprio é uma punição, ou pode incluir a necessidade de punição, podendo, portanto, ser também mais antigo do que a consciência.⁹³

Para Freud, a religião está no centro das discussões para o entendimento da cultura, ele “inaugura um outro gênero de discurso”⁹⁴ para compreender a sua situação na organização

⁹¹ NIETZSCHE, 1998, p. 74

⁹² NIETZSCHE, 1998, p. 125

⁹³ FREUD, 1978, p. 187

⁹⁴ ASSOUN, 1991, p. 272

social, de sua finalidade e o seu “valor real”⁹⁵. Ele compreende que a religião assume a posição do pai morto das hordas primeiras, como um símbolo-sustentáculo do paradigma humano do bom selvagem versus o lobo-homem hobbesiano. A religião movimenta-se para o interior do sujeito, como uma represa que tenta segurar os mais bestiais instintos do homem, embora esta represa seja problemática em sua finalidade. Criar um homem culpado por fundamentação exige ao mesmo tempo de uma organização fundada na terna lembrança de um pai-deus que sempre estará vigiando a partir de seus séquitos mais ferozes, os ascetas, vigilantes da moral cristã, em Freud, o sobrenatural funde a natureza com o ideal de pai, do deus que pune e regozija-se com o castigo, com a redenção e culpa do pecador. Por isso, a morte é tão importante para a consagração deste aspecto, a morte torna-se o desejo do pecador, o medo torna-se a lei.

Para Nietzsche, a religião é o mau que assolou as forças criativas e instituais do nobre, do guerreiro, a religião “aparece como uma narcose”⁹⁶ que leva mais a um tipo de estupor do que propriamente à anestesia, que produz “ilusões debilitantes”⁹⁷ para o sujeito doente do cristianismo. Como um movimento interno de implosão de forças reativas e potências que um “o bem supremo, o valor entre os valores”⁹⁸ de um mundo além concede como este raro e último acalento. Por fim, cabe mais leituras e investigações sobre a relação entre Freud e Nietzsche, compreender como estes autores estiveram tão perto conceitualmente é uma tarefa interessante e um caminho para entender a importância destes autores, tanto para a crítica psicanalítica da sociedade como para a filosofia da moral na modernidade.

Na obra *O futuro de uma ilusão*, de 1927, Freud por se considerar “sensato”⁹⁹ e dialógico consigo mesmo toma um contra argumento em seu texto, apostando na ideia de uma necessidade de ilusões para a sociedade viver bem. Há civilizações que não se desenvolveram a partir de uma estrutura mental baseada na religiosidade. Ou seja, o homem necessita de códigos artificiais “para sua própria defesa”.¹⁰⁰

Em outro parágrafo, Freud expõe o argumento da religião para a juventude, afirmando que erram quando não possuem orientações religiosas claras a respeito das condutas, e que, sem estas regras as gerações seguintes perdem o seu vínculo com a geração anterior e assim

⁹⁵ Idem

⁹⁶ ASSOUN, 1991, p. 270

⁹⁷ Idem

⁹⁸ NIETZSCHE, 1998, p. 123

⁹⁹ FREUD, 1978, p. 124

¹⁰⁰ FREUD, 1978, p. 124

“fracassariam no cumprimento de suas missões”.¹⁰¹ Para Freud, o homem necessita de um aporte normativo religioso para atingir o seu destino.

Já que, para preservar a nossa civilização, não podemos adiar a influencia sobre o indivíduo até que ele esteja maduro para a civilização (e ainda assim, muitos nunca estarão), já que somos obrigados à impor a criança em crescimento um sistema doutrinário que nela funcione como um axioma que não admita crítica, parece-me que o sistema religioso é, de longe, o mais apropriado para esse fim.¹⁰²

Mais adiante, Freud se lança novamente um contra argumento, defendendo a superioridade do deus lógos¹⁰³ sobre o sistema religioso, para Freud, como um bom positivista da época, acredita que o conhecimento científico são “desenvolvimentos, progressos e não revoluções” e por isso tem mais possibilidades de melhoramentos teóricos, pois ela não age de forma autoritária, mas depende de “experiências com hipótese que em breve tem de ser rejeitadas como inadequadas” naquele período. Ele percebe que tanto a religião quanto a ciência possuem a capacidade de estabelecer regras e parâmetros para a formação de sociedades, como formas estruturantes de comportamentos e formações do sujeito. Entretanto, no final do O futuro de uma ilusão, Freud toma o partido da ciência, como o sistema mais apropriado para a formação do indivíduo, pois considera mais apropriada do que o dogmatismo das religiões. Por outro lado, Nietzsche discordaria de Freud, pois para o filósofo andarilho, a ciência apenas tomou o lugar da religião. Colocando-se como a ciência como um outro tipo de divindade dogmática.

Para ambos os pensadores, percebemos uma concepção de belicosas de forças domesticadoras do bicho homem, tanto as forças ativas e reativas pela perspectiva nietzschiana em para a Genealogia da moral, como pelas forças de Eros e Tanatos pela perspectiva freudiana encontradas em Mal-estar na civilização. Podemos dizer até que a obra Genealogia da moral de Nietzsche se encontra como uma protoforma da psicanálise que surgiria no final do século XIX. A ponto de afirmar que ambos comungam de uma intuição sociológica na configuração do indivíduo civilizado.

Tanto em Nietzsche quanto em Freud existe uma teoria da civilização (Kultur) que é, ao mesmo tempo, uma teoria da doença ou do mal estar da civilização. A partir do momento em que ela prolongava natural e necessariamente a teoria da doença

¹⁰¹ Idem

¹⁰² Idem

¹⁰³ Idem, p. 127

individual, não se poderia reduzi-la a um apêndice: nas duas abordagens, este é um momento essencial e, até mesmo, de certo modo, primordial.¹⁰⁴

De fato, podemos considerar estes grandes investigadores da psique/sociedade como diagnosticadores da civilização sagazes que perceberam o problema da civilização enquanto um processo de interiorização dos impulsos. O objetivo deste breve ensaio consistiu em problematizar algumas questões referentes ao processo civilizatório segundo Freud e Nietzsche numa tentativa de estabelecer semelhanças teóricas possíveis entre os dois pensadores. Longe de se esgotar o tema, procurei compreender alguns aspectos dos pensadores, cabendo em outra oportunidade tecer mais considerações e aspectos que ficaram de fora deste texto.

Na genealogia da moral de 1887, percebemos uma teoria das formas de interiorização dos instintos no indivíduo para criar o animal homem, um sujeito que pudesse prometer, mas ao mesmo tempo adoecido por este mesmo processo civilizatório. Para Freud, em sua obra escrita em 1927 o futuro de uma ilusão e no mal-estar na civilização, ele afirma que o homem é o inimigo da civilização, de modo que o indivíduo também passou por formas de internalização das normas sociais, a partir de meios de poder e coação. Para o pai da psicanálise, o conceito de cultura relaciona-se com a ideia de contenção dos instintos primários e selvagens para a manutenção desta mesma cultura.

Referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. **O ego e o id e outros trabalhos**. In O ego e o id e outros trabalhos. Edição standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. In O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos. Edição standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago. 1976

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. In o mal-estar na civilização e outros trabalhos. Edição standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

FREUD, Sigmund. **O Mal-estar na civilização**. IN: Freud. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

¹⁰⁴ ASSOUN, 1991, p. 258.

NIETSCHE, Wilhelm Friedrich. **Para a genealogia da moral**. São Paulo. Companhia das letras, 1999

ASSOUN, Paul-Laurent. **Freud & Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças**. São Paulo. Brasiliense, 1991

MOURA, CARLOS, A.R de. **Nietzsche: civilização e cultura**. São Paulo. Martins Fontes, 2005.

GASPAR, Taís Ribeiro. **O sentimento de culpa e a ética em psicanálise**. Psyche. São Paulo. 2007, vol.11, n.20, pp. 47-65.

NIETZSCHE, Wilhelm Friedrich. **Fragmentos póstumos**. NF-1880,8 [34]. Fragmentos póstumos no inverno de 1880-1881. KSA, edição digital crítica (eKGWB).

HOBBS, T. (1651). **O Leviatã**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.